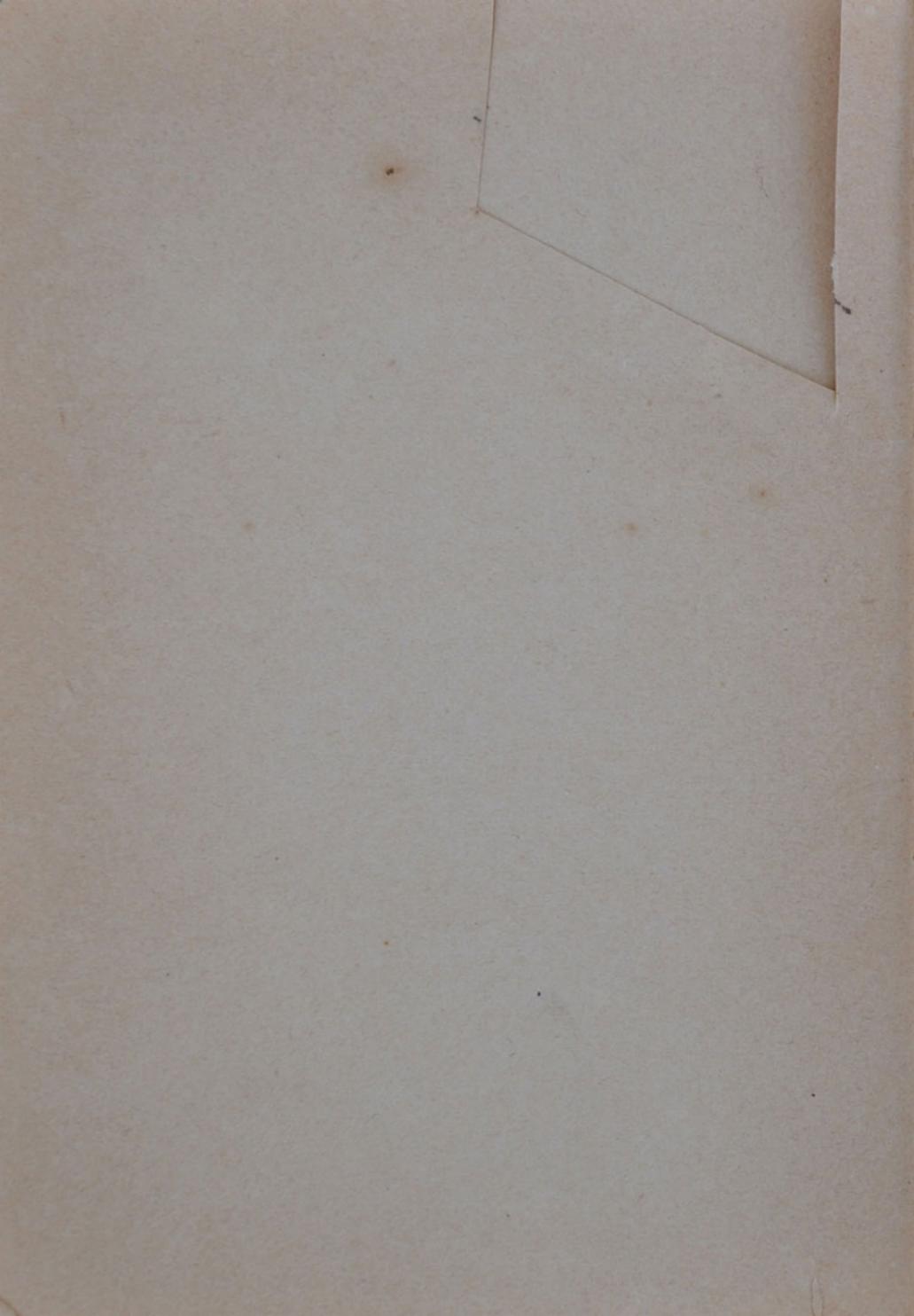


ALBA



DESENHOS  
DE  
RAULLINO



# ALBA+LENA

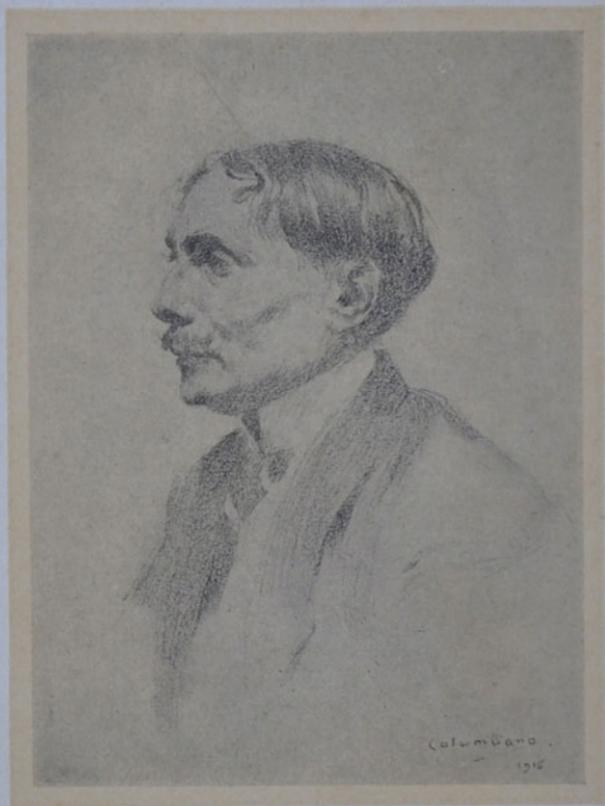


Segunda edição

## ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,  
LITERARIO E SOCIAL  
PARA  
PORTUGAL E BRAZIL





Augusto Fil



*A todos os que amam e creem—em Deus,  
num coração ou numa ideia . . .*



QUANDO, entre o vão rumor das gentes, num tão ermo desamparo me sentia, que nem achava, como Cristo, uma pedra onde encostar a cabeça — acolheu-me o teu amor. Logrei então o cantinho de paz e de sol que constitúi a felicidade dos tristes e pude, sob as bençãos do teu olhar e ao ritmo do teu coração, escrever êste livro piedoso e cândido que só é meu para que te pertença, minha amiga, minha senhora, minha mulher.

8-1-916.



# INTRODUÇÃO





# INTRODUÇÃO

Estrêla aonde todo o sol se mete,  
Peito onde quebra todo o desespero.  
Quer seja como a viu a Bernardette  
Ou a sonhou a dúvida de Antero...

GUEDES TEIXEIRA.

**A**lenda que vou transpor,  
Em verso brando e cuidado,  
Das almas para o papel,  
É como o suco da flor  
Que entrou num favo doirado  
E se tornou doce mel...

Nenhuma glória me cabe  
A mim, por isto escrever . . .  
Eu apenas trabalhei  
Como uma abelha que sabe  
Que é fazer mel um dever,  
Que é um destino, uma lei . . .

Louvor alto, eterna graça,  
O povo é quem a merece  
Por seu jardim de quimeras  
Que eternamente floresce  
Levando a toda a desgraça  
Perfumes e primaveras . . .

Uma celeste semente  
Caíu um dia dos ares  
Em chão sagrado e fecundo;  
E brotou piedosamente  
E passou montes e mares  
E alastrou por todo o mundo . . .

Em vasos do oiro mais fino  
(Corações cheios de fé,  
Transbordantes de inocência)  
Tomou o lírio divino  
Que nasceu em Nazaré  
Novo aspecto, outra aparência . . .

E a doce Mãe de Jesus,  
Vista assim, modificada,  
Tornou-se mais bela ainda;  
Se os Evangelhos são luz,  
A lenda é luz irisada,  
Luz irisada é mais linda! . . .

E em palácios e em choupanas,  
Milhões de almas se aqueceram  
Nessa luz encantadora.  
As próprias águias romanas  
Desceram, desfaleceram  
Aos pés de Nossa Senhora . . .

E a lenda, esparsa, flutua  
Na bôca dos pequeninos  
E na voz das cotovias.  
Dizem-na as fontes á lua  
E aos montes dizem-na os sinos  
Á tarde, ás ave-marias . . .

Os montes contam-na aos astros,  
Aos horisontes distantes,  
Distantes praias do mar;  
E, manso, o mar vem de rastros,  
Entre espumas flutuantes,  
Ouvi-la para a cantar . . .

Para a rezar de onda em onda  
E de camada em camada  
Até ao seio profundo  
Onde só penetra a sonda  
E a miséria naufragada  
Das ambições dêste mundo . . .

Dêsse canto é que êste sái.  
Dê-me êle uma benção nova  
Da santa que é minha Mãe  
E a clara voz de meu Pai  
Me diga da sua cova:  
« Meu filho, fizeste bem . . . »

E que o meu brando cantar  
Comece em bem feliz hora,  
Momento de boa sorte ;  
E permaneça a vibrar  
Para todo o sempre ! Agora,  
E á hora da minha morte . . .



# A · NATIVIDADE



- I— *Um lobo.*  
II— *A caravana.*  
III— *O exilado.*  
IV— *Joaquim, filho de Hiel*

# A · NATIVIDADE

A natividade da Virgem  
é a última noite do mundo  
antigo.

ABADE LEMMAN.

**N**o seu fojo do Líbano dormita,  
De olhar semi-cerrado, um lobo enorme;  
Mas, a espaços, qualquer coisa o agita.  
E lhe arripia o corpo, enquanto dorme...

Já por tres vezes o ouvido esperto  
(Que êsse não dorme em fera astuta e velha...)  
Como que adivinhou, num som incerto,  
O balido longínquo duma ovelha...

Seria um som, apenas, o que ouviu?  
E erguendo-se nas patas de repente,  
Do fojo escuro e fétido saíu  
E pôs-se a olhar em roda atentamente...

E logo uma ovelhinha desgarrada,  
Que ao largo anda a tosar ervas macias,  
Se fica estarecida, hipnotizada,  
Julgando findos os seus poucos dias...

E o lobo para ela vai correndo,  
De olhos acesos como dois carvões,  
Enorme, ossudo, sangüinário, horrendo,  
Aos pulos, aos ressaltos, aos galões...

Um curto passo, mais um curto instante,  
E ai pobrezinha, pobrezinha dela!  
Já sente os bafos de uma guela hiante  
E já o olhar, de medo, se lhe vela! ..

Porêm, na fúria da veloz carreira,  
O lobo estaca, fica ao chão pregado!  
... E apaga-se-lhe a ira carniceira!  
... E adoça-se-lhe o olhar ensanguentado!

O que o detem ali? Não compreende,  
Por mais que active o seu pensar nevoento...  
Só sabe e sente que uma força o prende  
Num dominante e doce encantamento!

Só sabe e sente que essa fôrça estranha,  
Tendo a energia hercúlea dum gigante,  
É suave e mansa como o luar que banha,  
Por alta noite, algum casal distante. . .

E no seu vago meditar de fera,  
Cogita e pensa enevoadamente  
Na causa estranha e nova que pudera  
Torná-lo quieto e manso de repente. . .

E a si próprio pergunta, emquanto o som  
Da ovelhinha, a balir, se apaga e some:  
Que milagroso bem me tornou bom  
— A mim, que sou um lobo e tenho fome?! . . .

Muito longe de ali, noutra lugar,  
— Na estrada de Damasco para o mar —

Um bando lento e plácido seguia  
À mesma hora dêsse mesmo dia. . .

Era o dono da longa caravana  
Um mercador de lâ samaritana;

Velho de olhar benéfico, atraente  
Como as palmeiras no deserto ardente. . .

Barba nevada e ruiva ao vento ondeante  
(Lambra que foi maior. . . cinza o restante)

Coração a-que sempre o bem preside  
— Piedoso<sup>o</sup> como um salmo de Davide.

Alma por onde a fé confiada sobe  
— Como os anjos pela escada de Jacobe.

. . . Ora êsse mercador de barba ondeada  
Mil vezes pisou já aquela estrada.

Por ela andou, menino e moço e velho,  
Desde os confins da Síria ao mar vermelho.

Nela seu coração arfou contente  
. . . E bate agora vagorosamente.

Sôbre ela a noiva o aguardou sorrindo,  
Sôbre ela o espera hoje — um neto lindo. . .

. . . E tendo-a andado tantas vezes, tantas,  
Por noites mornas, madrugadas santas,

Por ígneos sóis e tardes sonhadoras,  
Horas amargas, bem-fadadas horas,

Jâmais presenceou o que está vendo  
E que aos pasmados servos vai dizendo...

... E vai dizendo, num mavioso tom:  
— «Olhai o cimo do gigânteo Hermon

Que sempre de alvas neves se cobriu...  
— Pois toda a neve, toda, se fundiu!

Em vez da sua fria cobertura,  
Reveste-o o manto real da luz mais pura!

Todo êle é oiro e carmesim e rosa,  
Noiva que vai casar, sorrindo airosa...

E as ásperas colinas da Pereia?  
Vêde que mar de flores, em maré cheia...

Ontem as searas verdejantes não  
Tinham espigas; vergam já de pão!...

Os espinhos que dantes mais feriam  
Não ferem neste instante, acariciam...

E as víboras e as cobras mais daninhas  
Gorgeiam, cantam como as andorinhas!

E o céu — e quanta luz o céu encerra —  
Como que descem — a abraçar a terra...»

Nenhum dos servos vê o chão que trilha  
A olhar e a vêr tamanha maravilha...

E os dromedários pasmam, como a gente,  
E olham em roda, admirativamente...

E alçam as frentes, graves, para o ar,  
Como que a bem dizer, como a rezar...

E o velho, num extático tremor,  
Beijando o pó, bradou: «Senhor! Senhor!

Mudou o céu e a terra e tudo o que há...  
Que doce aviso é êste?

O que será?!...»

O mais esbelto e douto dos romanos  
Que em toda a Judeia havia  
Sentia, hora a hora, a flor dos anos  
Pender, de melancolia . . .

Nem a grata leitura de Vergílio  
Nem Platão, o admiravel,  
Davam ao amargor do seu exílio  
Um só instante infavel . . .

Pois logo, alheado se quedava, a olhar  
Com olhar de quem não vê,  
Um ponto vago e imutavel do ar,  
Ou a sandália do pé . . .

Junto a uma fonte, mãe de águas ligeiras,  
Onde floria um nelumbo,  
Calava, no jardim, manhãs inteiras,  
Tédios lentos e de chumbo . . .

Sob o velário, ás tardes, no terraço,  
Meditava e suspirava . . .  
Dava-lhe a vida o tédio e o cansaço  
Duma enorme e rija clava . . .

E noite e dia, entre bocejos cavos,  
Evocava a Itália cara!  
E os campos, os celeiros, os escravos,  
Riquezas que lá deixára!...

E o mais... e Roma, a sempre dominante,  
Que saudades tinha dela,  
Dessa amálgama doce e repugnante  
De poluída e de donzela!...

Se alguém, para o proscrito, em voz clemente  
Ia o perdão suplicar,  
Cesar dizia «nunca!» unicamente  
— E coruscava-lhe o olhar...

Ora uma tarde, ao vir da primavera,  
Tarde macia, cariciosa e linda,  
Como antes dessa nunca outra houvera,  
Como nenhuma, assim, voltou aínda;

Á hora excepcional em que o sol tomba  
No seu mais belo e último clarão,  
Quando é o ar o colo duma pomba  
E o poente a cauda aberta dum pavão;

Á hora em que as cegonhas vão passando  
Num alto e amplo vôo para os ninhos,  
Quando roça por nós o velo brando  
De espirituais e angélicos arminhos;

Quando o mistério cândido de Deus  
Se torna em nossas almas percebido  
E parece baixar, descer dos céus  
E segredar de manso ao nosso ouvido;

Nessa bendita hora, o exilado  
Sentiu a paz ungir-lhe a alma toda.  
Dir-se-ia . . . um fio de óleo perfumado  
Caíndo no eixo perro duma roda . . .

Que milagre potente lhe mudára  
Tão subitânea, tão piedosamente,  
A sua dor esmagadora, amara,  
Naquela placidez de água dormente? . . .

Que bôca virginal, cheia de pejo,  
Que lábios plenos de sagrada unção,  
Num casto, longo, consolante beijo,  
Lhe estavam a beijar o coração? . . .

E preguntava exclamativamente  
 Á terra, ao mar, ao céu, a tudo o que há:  
 Que facto estranho, admirativo, ingente  
 Se passa n'este instante ?

O que será?! . . .

Muito longe de ali, noutro lugar,  
 Deixou a solidão da sua gruta  
 E veio ás gentes de Salem prègar  
 Joaquim, filho de Hiel, da Galanuta.

Era um incêndio ao vento o seu olhar,  
 A noite em fúria a sua grenha hirsuta,  
 E a sua voz um vagalhão do mar  
 A rugir e a morder na rocha bruta!

Nunca um sorriso lhe banhou a face  
 E nunca um gesto de perdão ungente  
 Lhe descerrou as mãos de ave rapace . . .

Erguia-as no ar sinistras e crispadas  
 E arremessava maldições á gente  
 — Como chuva de pedras e de espadas! . . .

Num derradeiro grito penetrante  
Que foi— cêlere seta sibilante—  
Zunir, bater em cada coração,  
Fez-se-lhe rubro o pálido semblante,  
Tornou-se-lhe o olhar mais chamejante  
E sem acôrdo, ruíu, tombou no chão. . .

Converge logo a turba alvoroçada,  
Ao soído cavo e surdo da pancada  
Que dá o corpo quando em terra cáí,  
E numa densa onda enovelada  
Chora, braceja, clama e brada  
Como um trovão no alto do Sinai! . . .

Erguem-no lesta e carinhosamente,  
Banham-lhe em água a frente incandescente,  
Volta-lhe um sôpro de respiração. . .  
E abrindo os olhos e encarando a gente  
— Creanças, mães, velhos de olhar dormente—  
Diz-lhes, num frio gesto, que se vão. . .

E solitário e hirto, sôbre o monte,  
Ergue para o azul a larga frente  
E afasta os magros braços, a rezar. . .  
E visto lá no cimo e assim defronte  
Da fulva claridade do horisonte,  
Parece levantado, erguido no ar. . .

E nessa tarde amavel  
(Mão tenrinha de menina  
Que afagasse leve e afavel  
Um fio de seda fina...)

Por largo tempo, se quedou a orar...

E o seu lábio, sempre aberto  
A punir e a condenar,  
(Sol candente do deserto  
Que se mudasse em luar...)

Sorriu de amor pela primeira vez!

Sorriso em pranto banhado,  
Banhado de placidez...  
Tão sorrido e tão chorado  
Como o que teve Moisés

Ao ver enfim a Patria de Israel!

A face rígida e dura  
Toma a candura de Abel  
E a fluência, a doçura  
Dum doce favo de mel...

E pede ao Senhor Deus que lhe abra o peito

E que lhe deixe voar  
Daquele carcere estreito  
E subir, erguer-se no ar  
O coração satisfeito! . . .

E que o seu coração, batendo as asas,  
Ave cantando e voando na amplidão,  
Envie a todo o lar, todas as casas,  
Um cântico de hossana, ou de perdão . . .

Hossana ouvida em toda a natureza,  
Caminhos, pedras, montes, matagais,  
Por feras e almas da maior pureza,  
Sombras espessas, límpidos cristais;

Canto que a todo o crime dê perdão  
E paz e esquecimento a toda a mágoa  
E sol, piedade, amor, unção  
A cada areia, a cada gota de água;

Hino que suba aos astros apagados  
Agora, mas que dantes resplenderam,  
A dar-lhes em tons brandos, amerciados,  
Um pouco da luz clara que perderam . . .

E que — já fatigado de levar  
Ao céu, á terra, a toda a parte a esp'rança —  
Descáia e desça, para vir findar  
... Num berço pequenino de creança!

Naquela tarde, a aquela mesma hora,  
Nascia, em Nazaré, Nossa Senhora.

NOSSA SENHORA  
PEQUENINA





# NOSSA SENHORA PEQUENINA

Se houver chaga de lepra em algum homem, será levado ao sacerdote.

Então será imundo por declaração do sacerdote e será reputado entre os imundos, porque a carne viva, se está salpicada de lepra, é imunda.

Por todo o tempo em que estiver leproso e imundo, habitará, só, fóra do campo.

LEVÍTICO XIII, v. 9, 13 e 46.

**N**o seu trono de dor—um morro pedregoso,  
Vivia e gemia, á beira dum caminho,  
Saled, o leproso.

E o desgraçadinho,  
A quem lá passava  
Junto ao pedernal,  
Em lancinantes vozes (brados vão!) clamava  
Por um remédio novo para aquele mal

O seu mal enorme  
Que o estava roendo,  
Que o tornava informe,  
Que o tornava horrendo!

Algum remédio novo, ou um veneno então  
Que mal que lhe tocasse a bôca pestilente,  
Caísse, alí, no chão,  
Morto de repente!

E quando a alguém condoíam as clamantes vozes  
Que os ecos repetiam num tom cavo e amargo,  
Como aos cães ferozes,  
Era cá de largo,  
Com rápido gesto,  
Com tremente mão,  
Que lhe atirava um fruto verde e infesto,  
Ou uma côdea negra e áspera de pão!...

E pelo caminho  
Logo proseguia...

E o desgraçadinho,  
Sempre! noite e dia,  
A apodrecer e a arder numa infinita dor,  
Entre os fragões do morro em que jámais nascêra  
Um sorrir de flor  
Ao ar da primavera...

Já nem lhe restava  
O instantâneo bem  
Das unhas lacerantes com que se coçava...  
Tambem Deus lhas roubou! Cáiram-lhe tambem!

E oh degradação!  
Oh castigo abjecto!  
Coçava e revolia a roxa podridão  
Com ossos desprendidos do seu corpo infecto!...

E a sua voz rugia no ar, como um trovão  
Que ao fulgurar dos raios, longo estrepitasse  
Na terra e nos céus:  
Que é da tua mão?  
Que é da tua face?  
Onde é que pairas tu espírito de Deus?!...

E já depois cansado, e já não mais podendo,  
Ia o reboar da voz aos poucos decrescendo:  
Aonde é que se esconde?  
Aonde? Aonde? Aonde?...

E o desgraçadinho  
Tudo quanto via  
Do cimo do seu morro aspérrimo e maninho  
Era saúde! Era abundância! Era alegria!

Toda a Galileia  
Refulgia, cheia  
De searas ondulantes e jardins frondentes . . .  
E nos vergeis em flor, nas fitas dos caminhos,  
Vibravam contentes,  
Claras, comoventes,  
Cantigas de pastoras e de passarinhos . . .

Nazaré, defronte,  
Erguida no sopé dum sobranceiro monte,  
Par'cia um bando de aves que tivesse vindo  
Gracioso e lindo,  
Buliçoso e lêdo,  
Poisar e descançar á sombra do arvored . . .

E entre a névoa das lágrimas olhava,  
Ao fundo, entre macieiras e nopáis,  
Uma casa que o sol toda doirava  
E que avultava assim entre as demais . . .

Nela nascêra e lá tivera dantes  
A vida remansada e sem cuidados  
Dos que em terras fecundas e fragantes  
Semeiam leiras, pastoreiam gados.

Mas a lepra enterrou-lhe a sua garra.  
Mudaram-se-lhe em males tantos bens!  
E agora, ali, até á morte, o amarra  
O ódio da gente e a repulsão dos cães. . .

E a casa, na atraente claridade,  
A sorrir-lhe, a chamá-lo, a resplender. . .  
Que infinita saudade, que anciedade  
De a ver de perto e de lá ir morrer! . . .

Mas os membros chagados e dormentes  
Já nem sequer o deixam pôr de pé;  
E como os longos corpos das serpentes,  
Partiu de rojos para Nazaré. . .

Quantas mil vezes, quantas, se quedou!  
Que séculos que teve aquele dia!  
E persistiu! E prosseguiu! Chegou!  
E quer morrer agora — de alegria!

Num fresco romanzal, uma donzela  
De aspecto buliçoso e modos vivos,  
Mugia o claro leite a uma camela  
De olhos macios e meditativos. . .

E ao pôr ao ombro a urna transbordante,  
Viu perto dela, ensanguentado, a arfar,  
Um ser estranho, um monstro rastejante  
De plúmbea face, de incendiado olhar . . .

Correu gritando espavoridamente,  
Caíu-lhe a urna ao chão, feita em pedaços.  
Por toda a Nazaré acode a gente  
Às portas e nas ruas, nos terraços . . .

E arremessam pedradas ao leproso,  
Silvantes setas, maldiçoantes brados.  
E ulula a multidão num pavoroso,  
Atroador clamor de alucinados . . .

Nossa Senhora que era então menina  
(Gomo de lírio abrindo á luz do céu . . .)  
Assomou a cabeça pequenina  
À porta, a perguntar que aconteceu . . .

Mostram-lhe o monstro e para êle avança,  
Esbelta e pura como um lírio a andar:  
E por sôbre o seu corpo de creança  
Pedras e setas param, quedam no ar . . .

Avança envolta num etéreo alvor  
— Esbelta e pura como uma açucena —  
Os lábios a sorrirem-lhe de amor . . .  
E os olhos a chorarem-lhe de pena . . .

A sua nívea mão de leve o tóca  
E suavemente, docemente o afaga  
— E poisa brandamente a sua bôca  
Naquela bôca apodrecida, em chaga!

Logo que Nossa Senhora  
O beijou, chorando e rindo,  
Logo nessa mesma hora  
Ficou são, ficou tão lindo,

Tão lindo que parecia . . .

— Irmão da Virgem Maria !



Á·SOMBRA·DO  
TEMPLO



- I — *A bárbara grandeza da Obra.*  
II — *A Virgem e o canteiro heleno.*

# Á SOMBRA DO TEMPLO

Crescebat puella gratia magis quam substantia. Totidem momenta, totidem erant gratiarum crementa.

S.<sup>to</sup> AGOSTINHO.

Falava pouco...

O seu andar cheio de modestia, parecia deixar no solo um rasto das suas virtudes...

S.<sup>to</sup> AMBRÓSIO.

I  
**H**ERODES, o grande

— A hiena sanguinária da Idumeia —  
Para que o ódio dos judeus abraçde,  
Envolve-os em blandícias de sereia...

Como Salomão,  
Como o libertador Zorobabel,  
Poisa o olhar no monte de Sião,  
Na casa de Jeovah, Deus de Israel...

Segue-lhes o exemplo,  
Para agradar ao sanedrim e ao povo.  
Manda traçar um formidando templo,  
Ergue ao Senhor um monumento novo.

Abre o real tesoiro,  
Custeia a obra perdulariamente;  
Veste-a de mármore e reveste-a de oiro,  
Mas não lhe impõe a fé, porque a não sente . . .

Canteiros helenos,  
Pedreiros de Hus e tapeceiros persas,  
Fundidores membrudos e morenos  
De Heliópolis, das terras mais diversas;

Homens da montanha,  
De olhar de corça e de expressão receosa,  
Com peles de carneiro, ou estamenha,  
A tapar-lhes a carne musculosa;

E a calada gente  
Vinda de além dos plainos do deserto  
E trachonitas de falar dolente  
E sidonianos de sorriso esperto;

Lavrantes de Asor,  
Mestres da linda Gaza e de Damasco,  
Turmas de toda a raça e toda a côr  
Que se entre-cruzam com repulsa e asco...;

Movem os buris,  
Martelos, barras, lançadeiras, frágoas,  
Em coros estrondeantes e viris,  
Ou no silêncio de profundas mágoas.

Mas, de entre os obreiros,  
A grande parte era de gente escrava.  
Passavam de cem mil os cabouqueiros  
E quem derruía os troncos e os serrava...

E eram trabalhados  
A prata e o oiro em quantidades tais,  
Que errava no ar, poisava nos eirados  
A poalha rebrilhante dos metais...

## II

Rôlas assustadas

Que ao íntimo do ninho recolhessem,  
Quando, ao rugir das nuvens acossadas,  
As almas e as montanhas estremecem,

Era semelhante

— Naquele ríspido e brutal fragor —  
A vida amedrontada e palpitante  
Das virgens dedicadas ao Senhor . . .

Mesmo no recato

Da casa, ao pé do templo, em que viviam,  
Se ouvia (e estarecia!) o desbarato  
Dos muros demolidos que ruíam . . .

Reboavam tamanhos

E tão destoantes, pelo espaço, os ruídos,  
Que as filas dos camelos e os rebanhos  
Tresmalhavam-se ao longe, espavoridos!

Porêm uma havia,

Entre as meninas que serviam Deus,  
A quem nada assustava ou distraía,  
— Luz vinda á terra, mas ligada aos céus . . .

Essa virgem era  
Mais pura do que as rosas de Siloé,  
Abrindo ao brando sol da primavera . . .  
Chamava-se Maria. Nascêra em Nazaré.

Um grego de Atenas  
Que tão floridos, vívidos labores  
Na pedra abria que faltava apenas  
Frutificarem para serem flores . . .

Viu-a num terraço,  
Cheia de graça e de celeste encanto,  
Com duas pombas brancas no regaço  
Aninhadas nas pregas do seu manto.

Com os dedos finos,  
Metia grãos no bico ás pombas, e elas,  
Remirando-lhe os olhos cristalinos,  
Pasmavam que de dia houvesse estrêlas . . .

E o artista grego,  
Surprêso de tamanha formosura,  
Quedou-se deslumbrado, meio cego,  
Como quem fita o sol em plena altura . . .

E exclamou, tremente  
Ainda, da surprêsa enlevadora:  
— Toda a vida busquei baldadamente  
A beleza perfeita, achei-a agora!

Quem te vê, deduz  
Que um Deus amigo dêste mundo triste  
Pôs nos teus olhos essa etérea luz  
Para que a gente, a essa luz, o aviste . . .

Vai chegar de certo!  
Ergueste os olhos ao azul do espaço  
E eis-lhe o caminho — que é do céu aberto  
Para onde os tens agora: o teu regaço . . .

A Virgem Maria,  
Ouvindo êste estrangeiro que falava  
Numa tão nobre e límpida eufonia,  
Turbou-se — e vagamente adivinhava . . .

Num murmúrio brando,  
Abriu os lábios para agradecer . . .  
E as pombas, muito juntas, escutando,  
Não pareciam respirar sequer . . .

O + CASAMENTO





# O + CASAMENTO

Uma voz propiciatória disse  
no Templo, para o grão-sacer-  
dote: chegou o tempo de cum-  
prir-se a profecia de Isaías:  
Da raiz de Jessé brotará uma  
haste e na haste explenderá  
uma flor.

(Da lenda das varas, recolhida  
por Nicéfaro).



ORA no tempo feliz  
Em que dizia Jeovah  
Palavras que já não diz,  
Ou que ninguem ouve já . . .

Falou assim para o velho  
Grão-sacerdote do Templo,  
Homem bom, de bom conselho  
E de translúcido exemplo:

— É esta a minha vontade.  
Pelas terras da Judeia,  
Desde a mais vasta cidade  
Á mais recôndita aldeia,

Os teus arautos divide  
Para que em vozes canoras  
Os parentes de Davide  
Convoquem ás mesmas horas

A virem no mesmo dia  
Saber de mim qual será  
O marido de Maria,  
Lua nova de Judá.

Cada um há de trazer  
Uma vara de amendoeira,  
E o bordão que florescer  
Mostrará, dessa maneira,

Quem merece honras de esposo  
Dessa menina bendita  
De rosto melodioso  
E de virtude infinita . . . —

O som rasgado e potente  
Das longas tubas sagradas  
Retine energicamente  
Nas praças e nas estradas.

Soam trombetas e após  
No ar calado se alteia  
O teor do pregão, em voz  
Vibrante, cantante, cheia . . .

E todos os descendentes  
De Davide se aprestaram,  
Alegres e diligentes,  
E de longada abalaram

Com seus trajes mais vistosos  
Onde as joias dão clarões,  
Com seus cortejos faustosos  
De cavaleiros e peões . . .

Chegam a Jerusalem  
Por linda manhã macia  
Tão doce e branda que nem  
Uma só folha bulia . . .

Logo ao sacerdote dão,  
Para que os junte no altar,  
Cada um, o seu bordão . . .  
Quem será que há de casar,

Quem merece honras de esposo  
Dessa menina bendita  
De rosto melodioso  
E de virtude infinita ? . . .

Cada um porê m sentiu  
A decepção mais amara.  
Não se enfolhou, não floriu  
Nenhuma, nenhuma vara !

E o sacerdote pasmado  
Cogita, de olhos no céu,  
Como pode tê r falhado  
O que o Senhor prometeu ? ! . . .

Vai-se, aos poucos, todo o bando  
Dos alegres pretendentes  
Tristemente debandando,  
De olhar baixo e mãos pidentes . . .

E teve um tanta amargura  
Que foi para uma caverna,  
Na penitência mais dura,  
Chorar a paixão eterna . . .

E nesse exílio remoto  
O seu mal tornou-se em bem,  
Fez-se cristão, foi devoto  
De Jesus e de sua Mãe . . .

Voltando á parte deixada,  
Regressando ao principal,  
Que esta lenda delicada  
Tem, como tudo, um final . . .

Logo alguém esclareceu  
Que outro parente ainda havia:  
Certo José, galileu,  
Que em Nazaré residia.

Foi em seguida intimado  
A vir a Jerusalem.  
São José, preocupado,  
Parte lesto, presto vem . . .

— Qual a causa da tua falta  
A uma ordem do céu,  
A uma ordem tão alta,  
Tão alta que Deus a deu ? . . .

E São José replicou  
Com modos brandos e nobres :  
— Meio-velho como sou,  
E pobre como os mais pobres,

Como sonhar ser esposo  
Dessa menina bendita  
De rosto melodioso  
E de virtude infinita? . . . —

Entrega o bordão, e apenas  
Sôbre o altar poisado êle é,  
Nasceram sete açucenas  
No bordão de São José.

Com lágrimas de alegria  
O sacerdote lhe dá,  
Por sua mulher, Maria  
Lua nova de Judá . . .

Quando á noite se deitaram,  
Quando juntos se despiram,  
Tão castamente se olharam  
Que só respeito sentiram . . .

Não sentiram os instintos  
Da carne vibrante e acesa . . .  
Eram dois corpos destintos  
— Uma e a mesma pureza!





# A ANUNCIAÇÃO





# A ANUNCIAÇÃO

Entrando pois o anjo onde  
ela estava, disse-lhe: Deus te  
salve, cheia de graça: o Se-  
nhor é contigo: benta és tu  
entre as mulheres. Ela, como  
o ouviu, turbou-se do seu falar  
e discorria pensativa que sau-  
dação seria esta.

S. LUCAS cap. I, v. 28 e 29.

**S**URGIU languidamente a madrugada:  
Luz colorida do carmíneo pejo  
De virgem recém-casada  
Que dá o primeiro beijo . . .

E nesse dia, como nos mais dias,  
Acordaram, do sono, a aquela hora,  
A cantar as cotovias  
E a rezar Nossa Senhora . . .

E logo que rezou, sentou-se á porta,  
A dobar linho e a cantar também.  
Cantar, ás vezes, conforta  
As penas que a vida tem . . .

E o fino linho de alvejante brilho,  
Emquanto a meada leve rodopia,  
Vai passando do argadilho  
Às mãos da Virgem Maria . . .

Um véu de fumo paira, ondeante e brando,  
Por sôbre as casas, vinhas, olivais . . .  
E vai-se lento espalhando,  
Delindo, delindo mais . . .

De ânfora ao ombro, passa para a fonte  
Uma mulher de andar airoso e lindo.  
Das córtes, vão para o monte  
Longos rebanhos balindo . . .

Á frente de um, vem o pastor Nathan,  
Com uma vara de amendoeira em flor,  
E diz: — Que linda manhã . . .  
Louvado seja o Senhor!

Mas tu, Maria, ainda mais linda és,  
Torna o velho pastor, passando á beira,  
E ao passar, depõe-lhe aos pés  
O ramo de amendoeira . . .

— Que formosa manhã, que lindo dia!  
Acrescentou Acaz, outro pastor.  
Volve-lhe a Virgem Maria:  
— Louvado seja o Senhor!

E a voz cantante e límpida de Acaz,  
De pronto e sorridente, respondeu:  
— Louvada também serás  
Em toda a terra e no céu!...

E vendo que no lar já não havia  
Nem luz de chama, nem fulgir de brasa,  
Então, a Virgem Maria  
Foi para dentro de casa.

E enquanto sopra ao lume, vê acesa,  
Em vez da lenha, uma alumbrante estrêla...  
Volta-se a Virgem surpêsa  
E vê um anjo ao pé dela!

Os seus cabelos eram sol desfiado,  
Eram seus olhos opalinos céus;  
No sorriso iluminado  
Ardia o verbo de Deus!

E rezou docemente: *Avè Maria*  
*Cheia de graça! O Senhor é contigo.*  
 Nossa Senhora tremia  
 Como a folhinha do trigo

Á brisa, quando o anjo, continuando,  
 Disse: — *Bendita és tu entre as mulheres!*  
 E ajuntou em tom mais brando:  
 — Não receies por me veres . . .

Eu sou o mensageiro do Senhor  
 E alegre novidade o céu te envia.  
 Olhou-te Deus com amor,  
 Vais ter um filho, Maria!

E há de subir a um trono resplendente  
 E o reino que há de ter não terá fim!  
 ● Responde a Virgem tremente  
 E mais alva que o marfim:

— Como é que em minha carne virginal  
 Tão cândido milagre se gerou,  
 Estando eu como um cristal  
 Onde nem o sol entrou? . . .

— Cobriu-te Deus com sua sombra amada  
— Sombra que encerra toda a luz dos céus—  
    Por isso estás fecundada,  
    Teu filho é filho de Deus!

E erguendo os olhos puros e sidérios,  
Torna-lhe a Virgem, numa voz que tem  
    A harmonia dos psaltérios  
    No templo, em Jerusalem:

— *Faça-se em mim conforme o que disseste;*  
*Eu sou a humilde escrava do Senhor!*  
    E o mensageiro celeste,  
    (Como um perfume de flor

Que a aragem traz e leva) foi-se, voou...  
Não ha frinchas nos muros, nem no chão...  
    Pela porta não passou...  
    E por cima também não...



# A VISITAÇÃO





# A VISITAÇÃO

**É** chegado o momento de compor,  
Na minha amada língua portuguesa  
A página mais linda e a maior  
Que a Bíblia tem e que a Igreja reza . . .

Se fôra o sol um favo tenro e flavo,  
E a sua luz resplandecente fôsse  
O que é, para os alvéolos dum favo,  
O mel doirado, perfumado e doce . . .

Se fôra o sol assim, e eu o pudesse  
Abranger e suster na minha mão,  
Espremê-lo-ia brandamente e dêsse  
Claro sumo, dessa luz, então,

Faria a tinta com que escreveria  
No mais alto lugar dos altos céus  
As palavras de glória que Maria  
Em pé, sôbre a montanha, ergueu a Deus.

Como não posso, vou balbuciá-las  
(Que a mais não chega a minha inspiração)  
E quem nas queira ouvir, queira escutá-las  
— Não tenha ouvidos, tenha coração . . .

Mas antes, muito ao de leve,  
— Pena a fugir no papel —  
Darei um resumo breve

Da visita encantadora  
Que á sua prima Izabel  
Foi fazer Nossa Senhora:

Lá distante, lá em cima,  
Nas montanhas de Judá,  
A Virgem tinha uma prima;

E numa branca jumenta,  
Nossa Senhora foi lá  
A casa dessa parenta;

Foi lá a Virgem Maria,  
Numa apressada anciedade,  
Dizer-lhe a sua alegria;

Ora essa prima também,  
Apesar da longa idade,  
Estava para ser mãe;

Por divina intercessão,  
O seu ventre concebêra,  
Trazia lá San João . . .

Mal a Virgem se avizinha,  
Santa Izabel (que assim era  
O nome dessa velhinha)

Sentiu milagrosamente  
O filho que em si trazia  
A dar saltos de contente!

E enlevada na surprêsa  
De ver a Virgem Maria,  
Desce-a e beija-a e põe-lhe a mesa;

E á burrinha, em que a Senhora  
Fizera a longa jornada,  
Leva-a para a manjedoura;

E adorna a casa de flores  
E rende á Virgem sagrada  
Sagrados e altos louvores;

E a seus pés exclama, entre  
 Lágrimas com que lhos banha :  
 — *Bento é o fruto do teu ventre !*

*Benta és tu entre as mulheres !*  
 Bem hajas porque á montanha  
 Subiste e por me trazeres

A doce felicidade  
 De contemplar, ao sol pôr  
 Da minha avançada idade,

A que é Mãe do meu Senhor!

E a Virgem, Mãe de Deus, ergueu-se então  
 E disse este hino eterno, esta oração :

*A minha alma engrandece,  
 Glorifica o Senhor! . . .*

*E todo o meu espirito estremece  
 E crepita e exulta e resplandece  
 Em Deus, meu Salvador! . . .*

*Beijo de orvalho na folhinha de herva,  
Baixou Deus da vertigem do infinito  
Por sobre mim, sua humilhada serva,  
A eterna luz do seu olhar bendito . . .*

*E fiquei para sempre iluminada  
Nesse piedoso e límpido clarão!  
E não de chamar-me bem-aventurada  
Sempre! de geração em geração . . .*

*O seu nome é sagrado:  
E o seu poder que nunca terá fim  
(Por ter em mim poisado)  
Não vistas maravilhas fez em mim!*

*E aos que o temem e a quem dele implora  
Misericórdia e protecção clemente,  
Deus encaminha-os — pela vida fóra  
E sempre, eternamente . . .*

*Manijestou a força do seu braço:  
E aos vãos, aos de orgulhoso pensamento,  
Desfê-los, como a poeira pelo espaço,  
No turbilhão do vento . . .*

*Deitou tronos e reis — pô-los de rastros . . .  
— E aos humildes ergueu-os para os astros!*

*Deixou os ricos sem riqueza e nome  
— E encheu de bens os que sentiam fome!*

*Com desvelado e carinhoso amor,  
Protegeu Israel, seu servidor,*

*Marcou-lhe os firmes passos com sinais  
De benções e clemência,  
Conforme prometêra a nossos páis  
A Abrahão e a toda a sua descendência . . .*

*E eis que será perpetuamente assim  
Nos séculos dos séculos sem fim! . . .*



# O•NATAL





# O+NATAL

**E**STE natal de Jesus  
Ha dois séculos que o fez,  
Com barro mole, um oleiro.  
Verdade não a traduz;  
Mas, por ser tão português,  
—É para nós verdadeiro...

No grande átrio, todo em ruínas,  
Dum palácio pombalino,  
Em cuja frente se vê  
O nobre escudo das quinas,  
Estão, a um canto, o Menino  
E a Senhora e São José.

São José tem na cabeça  
Um largo chapéu braguês  
Derrubado para os olhos;  
E a Virgem Maria, essa,  
Tem chinelinhas nos pés  
E veste saía de folhos...

O Menino está deitado,  
Entre as radiações dum halo,  
Num loiro feixe de palha;  
E uma vaquinha, ao seu lado,  
Acerca-se a bafejá-lo  
E mornamente o agasalha.

Para o filhinho tão lindo,  
Numa expressão em que luz  
O seu enlêvo de mãe,  
A Senhora está sorrindo...  
Na boquinha de Jesus  
Paira um sorriso também...

Com as mãos no coração,  
Com o olhar cristalino  
Em que ha lágrimas e sóis,  
São José, cheio de unção,  
Fita a Mãe, mira o Menino,  
— E sorri-se para os dois...

Um anjo de asas nevadas,  
De fórmãs finas e puras,  
Êste dístico descerra  
Das suas mãos delicadas:  
*Glória a Deus nas alturas*  
*E paz aos homens na terra!*

Veem, pela estrada fóra,  
Tres monarcas em tres bravos,  
Infatigaveis corceis.  
É que está chegada a hora  
Dos mais humildes escravos  
Se equipararem aos reis...

Num *duo* desconcertante,  
Dois cegos vão a tanger,  
Nos violões, com gesto lento.  
É que chegou o instante  
Da pobreza merecer  
O prémio do sofrimento...

Um coxo de pés cambados  
Atira as muletas fóra  
E a correr, mal pisa o chão.  
É que está chegada a hora  
Dos tristes, dos desgraçados  
— Sentirem consolação...

Toca adufe uma pastora  
Para mais outras bailarem  
Entre ovelhas e lebreus.  
É que está chegada a hora  
Daquelas que muito amarem  
Serem dilectas de Deus...

Um petiz faz palhaçadas  
Com elástico vigor,  
Alegria irrepremeda,  
E, pelas calças rachadas  
Ao longo do sim-senhor,  
Vê-se-lhe a fralda saída...

É que estão próximas já,  
É que já estão vizinhas  
As tardinhas comoventes  
Em que ás turbas prègará  
O amigo das criancinhas,  
Dos corações inocentes...



NO EXÍLIO



- I — *O negro pão de exílio.*  
II — *O pão alegre do trabalho.*

# NO EXÍLIO

## I

**M**AS com quê? De que maneira  
Se haviam de sustentar  
Naquela terra estrangeira? . . .

A Virgem tinha na mão  
(E foi só êsse o jantar . . .)  
Um resto duro de pão!

Pão tão rijo, pão tão duro  
Como um duro fariseu,  
E tão negro, tão escuro

Como carvão, como breu . . .  
Mas choraram ao comê-lo,  
Logo o pão amoleceu . . .

Acordou a aquela hora  
O Menino; — e só de vê-lo  
Ri São José, já não chora;

Nem a Virgem, com receio  
De que o seu pranto divino  
Lhe séque o leite do seio

— E tenha fome o Menino! . . .

## II

Mas como? De que maneira  
Se haviam de sustentar  
Naquela terra estrangeira? . . .

Erguendo o braço possante,  
Promete São José que hade ganhar  
Em jornas ou tarefas, o bastante . . .

Grangeia sempre um pouco de dinheiro  
Quem sabe o agasalhante  
Ofício de carpinteiro . . .

Com suas mãos alígeras, modestas,  
 Nossa Senhora ajudará também,  
 Tecendo os lindos véus que usam nas festas  
 As damas nobres em Jerusalem.

### III

Quando a derradeira estrêla  
 No céu alto ainda reluz,  
 Já o santinho martela  
 Tábuas novas, trus, trus, trus...

E a Virgem Maria téce  
 Desde que a aurora aparece...

E as mãos e os alvos dedos não descansam,  
 Finos e pequeninos e macios...  
 E os bilros dançam,  
 Cruzam-se os fios.

Cruzam-se os fios numa trama leve,  
 Alva de linho,  
 Alva de neve...  
 Flocos de neve a ondear de vagarinho

Que á luz do luar  
Fôssem poisar

Com virginal e lânguida doçura,  
Com segredado e plácido carinho,  
— De vagarinho —  
Na imaculada e lânguida brancura  
Dum branco arminho . . .

E já, por sôbre o Nilo, a noite desce  
E os bilros dançam e a Senhora téce . . .

E já a primeira estrêla  
No céu côncavo reluz  
E aínda, aínda martela  
São José: trus, trus, trus, trus . . .



O + MENINO  
BRINCANDO





# O + MENINO BRINCANDO

O assunto desta baladilha, duma tão cândida fisionomia popular — rimance bretão? toada provençal? ou por ventura, criação de Alphonse Daudet, num volume do qual se encontra, — li-o em menino e moço, quando ainda os fados tristes não tinham feito de mim um escritor incipiente sequer. Não me ficou na memória, com exactidão, a letra da balada, mas apenas, de um modo vago, a sua linha geral e, intensamente, uma inapagavel impressão de encanto.

**O**H meu Jesus adorado  
Fecha os teus olhos divinos  
Num soninho descansado;  
Que a não sermos tu e eu  
Todo a gente do povoado,  
Desde os velhos aos meninos,  
Ha muito que adormeceu.

E o menino Jesus não se dormia...

Dorme, dorme, dorme agora  
 (Cantava a Virgem Maria)  
 Que mal assomou a aurora,  
 Sentei-me junto ao tear  
 E por todo o dia fóra,  
 Até que já se não via,  
 Não deixei de trabalhar!

E o Menino Jesus não se dormia...

Tornava Nossa Senhora,  
 Numa voz mais consumida:  
 Dorme, dorme, dorme agora  
 E que eu descance também,  
 Porque mesmo adormecida  
 Vela sempre, a toda a hora,  
 No meu peito, o amor de mãe.

E o Menino Jesus não se dormia...

Numa voz mais fatigada,  
 Tornava a Virgem Maria:  
 Dorme pombinha nevada,  
 Dorme, dorme, dorme bem...  
 Vê que está quase apagada  
 A frouxa luz da bugia,  
 Do pouco azeite que tem.

E o Menino Jesus não se dormia...

Rogava Nossa Senhora:  
Modera a tua alegria...  
Não deites a roupa fóra  
Do teu leito pequenino...  
Não rias mais. Dorme agora  
E brincarás todo o dia...  
Dorme, dorme, meu menino.

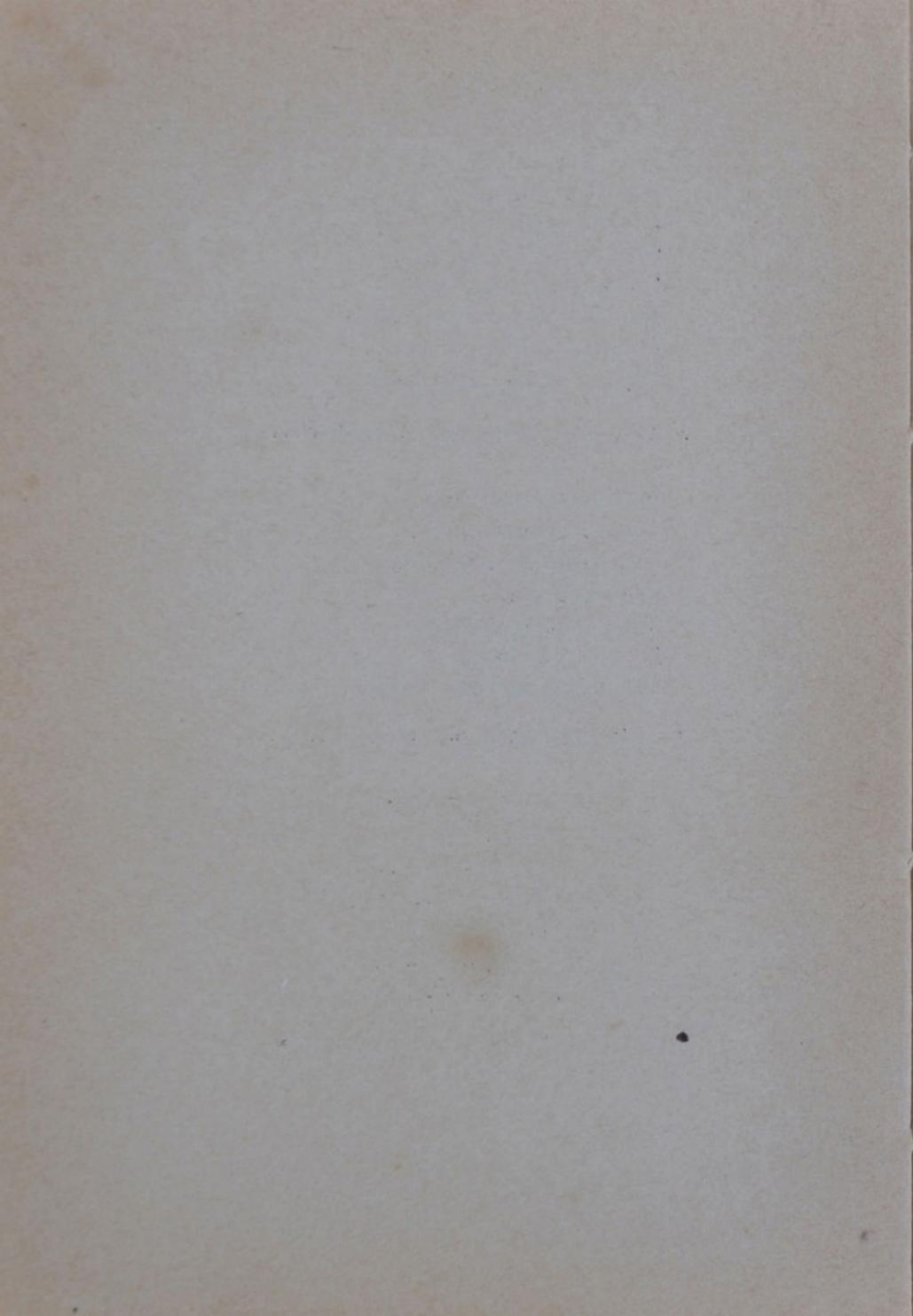
E o Menino Jesus não se dormia...

Mais triste, mais abatida,  
Pedia a Virgem Maria:  
Tem pena da minha vida,  
Que se a quero é para ti...  
Vida aflita e dolorida!  
Só por ti a viveria  
Tão longe de onde nasci!...

E o Menino Jesus não se dormia...

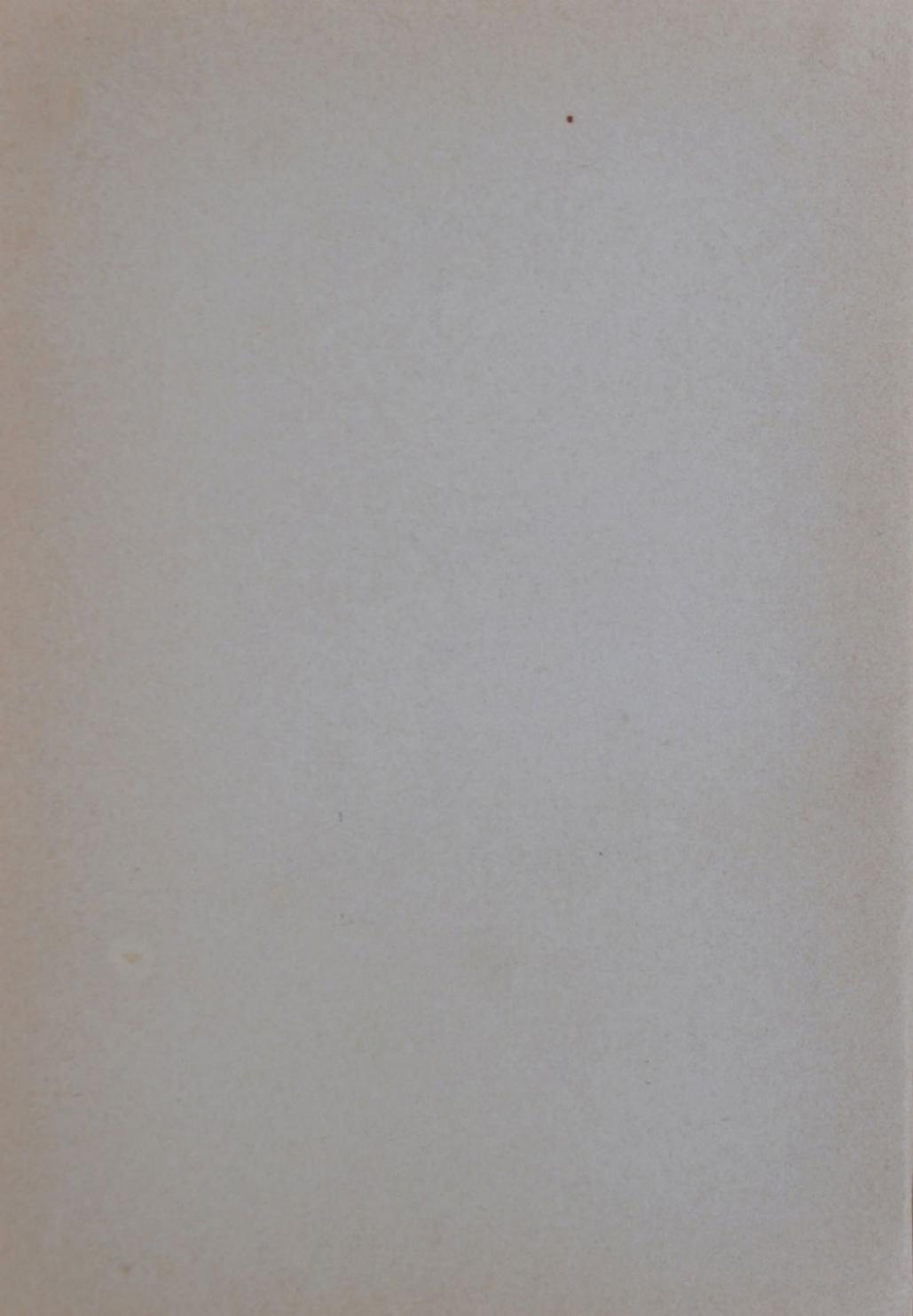
E a voz da Virgem voltou:  
Repara no meu olhar,  
Vê como êle entristeceu...  
Dorme, dorme, dorme bem,  
Oh alvo lírio do ceu!  
Olha que estou a chorar,  
— Tem pena da tua mãe!

Nosso Senhor, então, adormeceu...



AS BODAS DE  
CANÁ





# AS BODAS DE CANÁ

«Morarás entre os meus peitos.»

*Cântico dos Cânticos C. 1 v. 12*

## I

**N**UM pomar de altas nogueiras  
E romanzeiras means,  
Ha cinco tardes inteiras  
E ha seis formosas manhans

Os convidados da boda  
— Pé ligeiro, olhar ardente,  
Vá de roda, vá de roda —  
Bailam sacudidamente  
Pé ligeiro, olhar ardente,  
Vá de roda, vá de roda,  
Vá de roda toda a gente!

Rompe entre as danças do animado bando  
A voz do noivo, límpida, cantando:

Para que o meu desejo te persiga,  
Deita a fugir e a rir, amada minha,  
Por entre os campos onde o trigo espiga,  
Onde verdeja alegremente a vinha;

Deita a correr por todo o vale em flor,  
Sóbe, ás risadas, a colina bela;  
Eu serei o caçador  
E tu, fugindo, a gazela . . .

E depois, quando cansada,  
Eu te alcance, amiga minha,  
Fica-te em mim enlaçada  
Como os abraços da vinha,  
Minha amada,  
Amiga minha!

Rompe nas danças do bulido bando  
A voz da noiva, tímida, cantando:

É o teu nome um óleo derramado:  
Dizê-lo, ouvi-lo, é como ungir-me toda.  
Entre os meus peitos altos, meu amado,  
Virás morar e amar depois da boda!

Alto, mais alto, de entre o alegre bando,  
O noivo canta, em quanto vai dançando:

Tu és linda e trigueirinha  
Minha amada, amiga minha,  
Como as tendas de Cedár...

És morena, mas formosa,  
Mais esbelta que uma rosa  
Toda cheíña de luar...

O teu pescoço brunido  
Deixou-me a cabeça tonta,  
Como um vinho apetecido...

O teu pescoço brunido,  
Fóra o mais que se não conta,  
Porque anda mais escondido...

Logo responde, de entre o alegre bando,  
A voz da noiva, emquanto vai dançando:

Foi o sol abrasador  
Que me fez assim trigueira,  
Que mudou a minha côr.

Foi o sol abrasador  
Foi o sol, deixou-me assim!  
Foi o sol abrasador  
— E também uma fogueira,  
Toda abrasante de amor,  
Que trago dentro de mim...

E novamente o noivo diz, cantando  
Com voz mais doce, num sorriso brando:

Eu sou pombo e tu és pomba.  
Vão para ti meus carinhos,  
Como á hora em que o sol tomba,  
As aves vão para os ninhos...

Amiga minha, minha bem amada,  
Meu meio dia num jardim fragrante,  
Fonte selada  
De água calmante,

Sinto fome de amor e sinto minguá  
Da tua fala que é o meu deleite;  
Tens debaixo da língua  
O doce mel e o leite...

Porque os teus lábios coam a doçura,  
    Como um favo premido,  
Oh minha amada imaculada e pura,  
    Meu sexto sentido !

E a voz da noiva, tímida, cantando,  
Diz num sorriso mais quebrado e brando :

Que no teu ombro a minha fronte deite,  
Pois já, de amor, eu desfaleço e ardo,  
Favo de mel e ânfora de leite  
Urna de incenso e cinamomo e nardo ! . . .

Mas eis que chega, sob o sol ardente,  
Por um algar onde vicejam trigos,  
Jesus; e diz melodiosamente :  
A paz de Deus seja convosco, amigos !

Vem a par dêle, com o porte airoso  
De pomba nova á beira do pombal,  
Uma linda mulher de olhar piedoso  
E de sorriso triste e virginal.

E as filhas de Caná, vendo-a tão bela,  
 Vendo o cândido rabi de Nazaré,  
 Perguntam admiradas:—Quem é ela?  
 E êle, o lirio pálido, quem é?

—É um vidente, é o semeador  
 Duma semente que do céu provêm...  
 E essa que o mira com tão fundo amor  
 Parece noiva... irmã... mas é a mãe!

E delas todas um cantar subiu  
 (Subiu ao céu e aínda lá flutua...):  
 Vê-los é vêr o que jâmais se viu  
 —O sol a par da lua...

## II

Ia o banquete próximo do fim,  
 Ia a alegria no seu grau maior.  
 (A alegria é assim  
 Ganha viveza e calor,  
 Enche o coração e o peito  
 —Se o ventre está satisfeito...)

Ora um conviva perguntou a Cristo :  
Dize-nos, Senhor :  
Quem brinca e canta e ri, é pecador?

E o pálido Jesus respondeu isto  
Numa voz doce, como um alaúde  
Vibrando lento ao declinar do dia :

—A filha predilecta da virtude  
Em verdade vos digo: é a alegria...

O que é pecado e negra perdição  
Que pagará, com juro, alma e língua  
É que os menos tenham pão  
—E que os demais tenham minguá..

Quem reparta com carinho,  
Por quem fôr necessitado,  
O seu pão e o seu vinho  
— Viva alegre e descuidado...

Morosos, perturbados, descontentes,  
Segredam, uns com outros, os serventes.

E a Virgem diz para Jesus, baixinho:  
—Vêde, filho e Senhor, não teem vinho...

Cristo, afagando-a, desviou assim  
A súplica indirecta da Senhora:  
—*Mulher, que me vai nisso a ti e a mim?*  
*Não é chegada ainda a minha hora...*

Mas a Mãe, adivinhando  
Inteiramente o que ia acontecer,  
Volve aos creados, com aceno brando:  
—*Fazei o que êle disser.*

E Jesus disse para os servidores:  
—Terão as bodas um precioso mimo..  
*Enchei as talhas maiores*  
*Todas de água, até ao cimo.*

E mal a água nelas se conteve,  
Mudou-se logo, transformou-se ali,  
Num vinho rubro, perfumado e leve

Melhor que o de Efrem e o de Semei,  
Melhor do que o de Engadí  
Que enchia a adega do rei...

Alegres uns da cabeça,  
E todos do coração,  
Eis toda a gente começa,  
Com risonha exultação,  
Em torno á mesa da boda,  
Pé ligeiro, olhar ardente,  
Vá de roda, vá de roda,  
Vá de roda toda a gente!

E nessa bendita hora  
Até o Rabi cantou  
— Cantou e riu e bailou.

Sorria Nossa Senhora...



GEDEEL, DE  
SAMARIA





## GEDEEL, DE SAMARIA

**N**ESTE escaldante meado do mês de Ab  
Feliz gente a que vive nestes montes,  
E tem ao seu dispôr, sem que se acabe,  
A água das cisternas e a das fontes!

Assim falou um caminheiro edoso  
Que a exsudação e o pó cobriu de sarro.  
E bebeu água com demora e gôso,  
Na fonte, de uma ânfora de barro.

Curvando-se, depois, banhou também  
As mãos nodosas e o cavado rosto  
No largo tanque aonde o gado vem  
Beber ao sol nascente e ao sol posto.

E tomando o bordão para ir embora,  
De quem lhe deu a água se despede:  
— A paz seja contigo a toda a hora  
Porque dás de beber a quem tem sêde.

E quem lha tinha dado (uma mulher  
De balsâmica fala) acrescentou:  
— Viajante, se precisas de comer,  
O meu pouquinho pão, êsse to dou . . .

O velho respondeu: — Rezado seja,  
De bôca em bôca, o teu bendito nome,  
Oh nazarena humilde e bem-fazeja  
Que partes o teu pão com quem tem fome!

Eu vivo mais de Deus do que de pão . . .  
E, assim, qualquer migalha dá saude.  
Guarda o teu pão, mulher. No coração,  
Levo outra esmola tua — a da virtude.

Bem mostras que és da terra de Jesus,  
O Rabi novo de voz doce e calma,  
Que sendo eu cego revelou a luz  
Aos olhos do meu rosto e aos da alma!

E a nazarena, alvoroçadamente  
Pedi ao velho: — Se á tua jornada  
A não comanda algum motivo urgente,  
Detem-te ao pé de mim um quase nada,

Assenta-te uns instantes á frescura,  
Tão grata, destas águas a cantarem  
E dize como foi essa ventura  
De os teus olhos cèguinhos se curarem . . .

— Faz-me até bem contá-la! Que o meu peito,  
Narrando êsse milagre do Senhor,  
Respira vigoroso e satisfeito,  
Enche-se mais de gratidão e amor!

Eu sou Gedeel. Morava em Samaria  
E enriqueci, porque aos ladrões do Hèbál  
Comprava o que iam extorquir na via  
Que leva ao grande mar ocidental.

Era deslumbrador o meu tesoiro  
De saquiteis de gemas rubicundas  
E de relampejantes barras de oiro!  
— Um sol arrecadado em arcas fundas . . .

Com êstes olhos em cubiça ardendo,  
Tão longa, avaramente, o remirei,  
Que a Deus bradou o meu pecado horrendo  
— E a treva fez-se; e desde então ceguei . . .

Durou dez anos, funda noite espêssa,  
A venda posta em minha vista avara.  
A noite opaca da minh'alma, essa  
Durava desde a hora em que pecára . . .

Mas eis que um dia ao meu palácio vem  
E que ao terraço, onde eu estava, sobe  
Uma mulher do burgo de Sichem  
Que junto ao velho pôço de Jacobe,

Viu o Messias e lhe ouviu pasmada  
Palavras do mais límpido sentido  
Que tinham a frescura da orvalhada  
E o suave aroma dum pomar florido . . .

E ao passo que a sichena me narrava  
O que àcerca da fama do Profeta  
Enchia a Síria inteira, desde Java  
Ao rumuroso bairro de Beseta,

Entre mim pensei: Pois que redime  
Todo o pecado e atende todo o apêlo,  
Dar-me-há, com o perdão para o meu crime,  
O milagre tambem de poder vê-lo!

De penitência e luto cubro a fronte ;  
E enquanto um servo amigo me conduz,  
Brada, de vale em vale, e monte em monte,  
A minha voz : Jesus ! Jesus ! Jesus !

E andando, andando, fui junto do lago  
De Tiberíade, encontrá-lo um dia.  
Beijei-lhe os pés num soluçado afago,  
Fez-se de novo a luz ! O cego via !

E sigo-o, como a sombra, desde então  
E vi-o, com suas mãos de alvo jasmim,  
Tirar da tumba, ficar vivo e são,  
Um morto, na cidade de Naím.

E vi obedecer-lhe o mar irado,  
Tornar-se logo rutilante e lindo  
E tão mansinho e brando e socegado  
Como uma pomba quando está dormindo . . .

Chorando de remorso e funda mágua,  
Bebi seu verbo, manancial celeste,  
Com maior sêde do que a desta água  
Que tu, da tua ânfora, me déste ! . . .

Uma semana apenas o deixei.  
(Que longos dias! Que saudade a minha!)  
E presto a Samaria me tornei  
A dar, — a distribuir o que lá tinha . . .

. . . Vem dum sicômoro o arrulhar da rôla;  
O sol descái, resplende sôbre o monte ;  
E uma harmonia plácida se evola  
Dos ninhos, e das almas, e da fonte . . .

E o velho brandamente suplicou:  
— Se tão piedosa és, que te não pejas  
De me falar, sabendo já quem sou,  
Dize-me tu, santa mulher, quem sejas.

Numa voz clara, — como é claro o dia  
Em que nenhuma nuvem tolda a luz, —  
Respondeu-lhe a mulher: — Eu sou Maria,  
Viuva de José, mãe de Jesus . . .

# O + CALVÁRIO





## O + CALVÁRIO

**A**o alto de um cêro íngreme, escalvado e pardo  
Adonde só viceja — e desoladamente  
A rama da carrasca e a folha hostil do cardo;

Relevação abrupta e trágica e òbumbrante  
Em cuja penedia aspérrima e mordente  
Jamais se viu e ouviu que um passarinho cante ...;

Que ao escalá-la alguém — curvado, exausto, arfando —  
Sob os mal firmes pés se desagrega a terra  
E sôltas, para o fundo, as pedras vão rolando ...;

Ao cimo de inimiga e desafiante crista  
Que quanta mais luz tem, mais dá sinistra guerra,  
Mais apavora toda o coração e a vista ...;

Está pregado ao vil suplício de uma cruz  
— Sob o céu mudo e longe ... e sob o sol jocundo —  
O que ensinava o bem, perdoando o mal — Jesus,

O doce e novo Deus do amargo e velho mundo!

Chora a Virgem num lamento  
De infinito sofrimento:

— Sol de Deus! A tua luz  
Como a não somes e apagas,  
Em face daquela cruz  
E daquelas cinco chagas!?!...

Clama num reboante grito  
A triste voz do infinito:

— Porque assim alumiadas,  
Patenteadas assim,  
Serão vistas e choradas  
Agora — e sempre — e sem fim! —

Torna a Virgem num clamor  
De ingente, suprema dor:

— Monte de escarpas malditas!  
Ao pêso desta aflição,  
Como te não precipitas,  
Te não afundas no chão?!!...

Pela boca duma furna,  
Responde a treva soturna:

— Para que a dor que te fére  
 Vista assim, alta e patente,  
 O céu e a terra a venére  
 Sempre... sempre... eternamente!

Jesus inclina a merencória fronte...  
 Rasgam-lhe os cravos as benignas mãos...  
 E olham-no e riem, no sopé do monte,  
 Os príncipes da lei com os anciãos.

Estrugem váias, irrisões do povo  
 Que da cidade em festa passa ali:  
 — «Por que não fazes um milagre novo?...  
 Arranca-te da cruz, desce de aí!

Proclama e mostra assim que és o Messias  
 E todos nós te adoraremos já.  
 És tu rei dos judeus, como dizias?...  
 Aí tens um trono que bem alto está!»

E Jesus Cristo, numa voz ungente,  
 Paga as blasfêmias torpes que lhe trazem,  
 Intercedendo a Deus piedosamente:  
 — *Perdoae-lhes que não sabem o que fazem...*

Montes e morros teem convulsões,  
Rancos—como de tigres e de leões!

Pasmam os legionários! E em segrêdo,  
— Pela primeira vez — confessam medo!

E já, da treva, a densa grenha hirsuta  
Á terra desce e a escurece e enluta.

Noite de ameaças que, rugindo, brada,  
... A guela aberta, o boqueirão do nada!

Noite que não dá sonho, mas o espanta...  
Sufoca—é uma garra na garganta!

Noite de estranhos, fundos alvoroços.  
... Nas sepulturas, ha rangidos de ossos!

E Cristo arranca do imo um longo brado...  
E a sua angústia demudou-se em calma.  
E poisando na Mãe o olhar nublado,  
O coração parou. Rendeu a alma...

Não teve um gesto, um movimento, um grito,  
Nossa Senhora quando o viu morrer.  
Tornou-se um mármore o seu rosto aflito,  
Quedou-se inerte — sem ouvir, nem vêr.

Na face muda, o mudo pranto corre . . .  
Dôr que se queixa é dôr diminuída,  
E a dolorida mãe — já que não morre! —  
Em dôr transforma quanto nela é vida!

E Madalena, desgrenhada e linda,  
Ajoelha e clama: oh lírio de Judá,  
Se Êle morreu — e tu vives ainda! —  
E certo! O meu Senhor — resurgirá! . . .

E as rochas quebram, ruem as cavernas,  
E as feras uivam, apiedadas — ternas! . . .

Abrem-se os alvos túmulos nos hortos  
E erguem-se dêles, soluçando, os mortos! . . .

Transborda o mar e sobe, em vagalhões,  
Ás nuvens revibrantes de trovões! . . .

Rasga-se o véu do tempo de Jeovah!  
Que o Deus oculto — revelado está! . . .

E o âmago do mundo acorda e freme!  
. . . Soturnamente toda a terra treme!



# A ASSUNÇÃO





# A ASSUNÇÃO

**A** uma velha capa que San João deixou,  
A Virgem Maria aínda a aproveitou . . .

Escolhendo a parte menos gasta e poída,  
Desfaz-lhe as costuras, tira-lhe a medida,

Talha uma roupinha para uma creança  
Que era a mais rotinha das da vizinhança.

Prestes a alinhava, logo a cose e prova.  
Que linda, que linda! Parecia nova . . .

Nesse tempo a Virgem quantos anos tinha?  
Não ficou a conta. Era já vèlhinha . . .

Dava o sol nas casas: Brasas de fogueira . . .  
. . . Horas de descanso, horas de quebreira . . .

— E da idade, e de cansaço, e de calor —  
Lento, a invade toda, um dólcido torpor . . .

Fecham-se lhe os olhos, e descái-lhe a agulha . . .  
. . . Passa uma andorinha. Uma rolinha arrulha.

As mãos escorregam, ficam-lhe pendentes . . .  
. . . As cigarras cantam nos trigais dormentes.

E a pendida fronte, — aínda mais pendeu . . .  
E a sonhar com Deus, com Deus adormeceu . . .

Põe-lhe o manto um anjo, curva-se a compô-lo,  
E outros anjos descem, pegam nela ao colo . . .

Com as leves mãos (penugens de andorinhas)  
Vão-na embalando como ás creancinhas . . .

E embalando-a, voam, lá se vão com ela! . . .  
Já lá vai mais alta que a mais alta estrêla! . . .

Outros anjos chegam, querem-na cantar.  
Caluda, caluda, que pode acordar . . .

Que as almas dos justos um hino concertem!  
Silêncio, silêncio. Que não a despertem . . .

Jesus abre os braços, e já quer beijá-la,  
Mas pára, detem-se, que póde acordá-la . . .

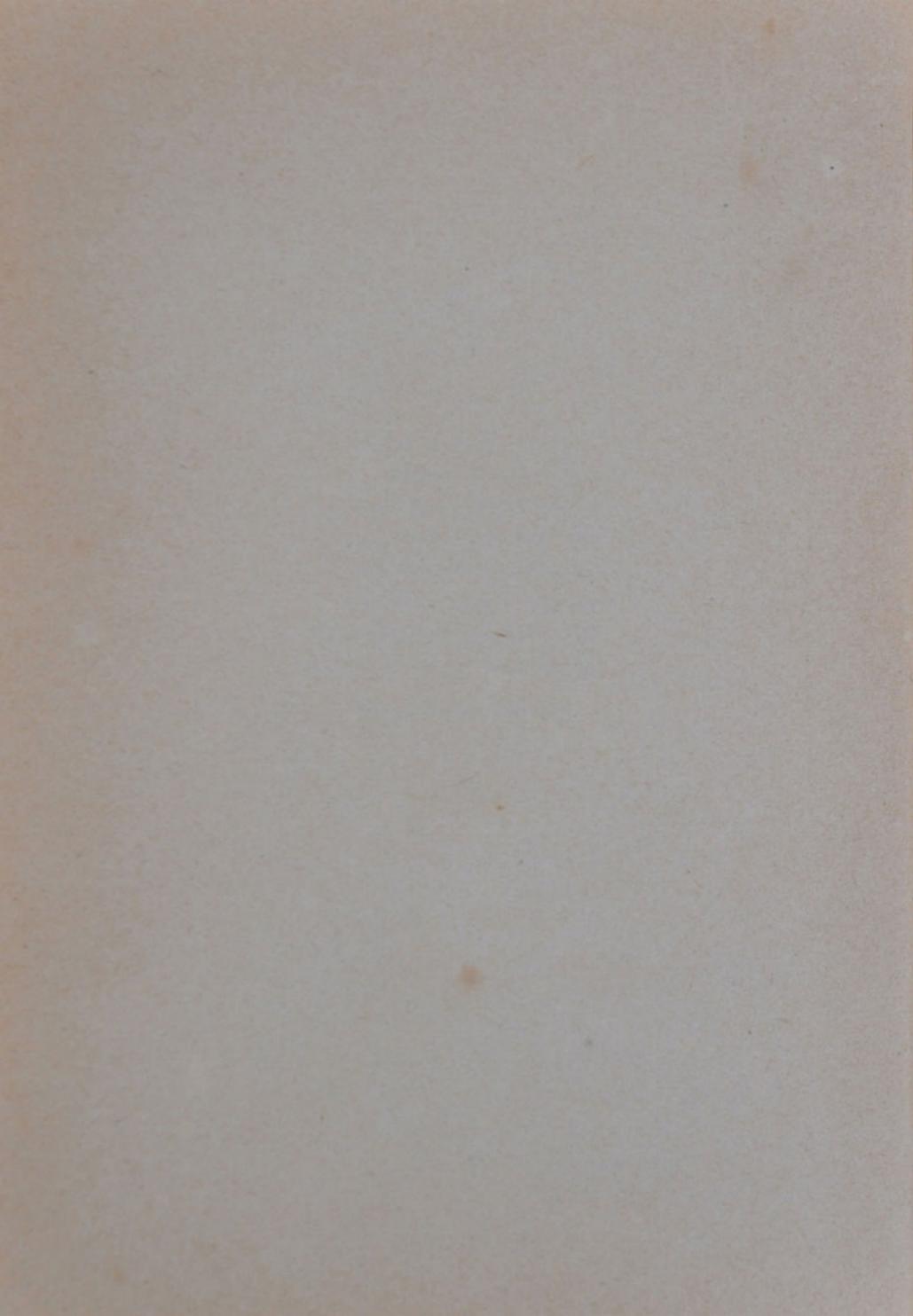
E a mãe da Senhora, pediu-lhe a sorrir:  
— Mais logo . . . Mais logo . . . Deixai-a dormir . . .





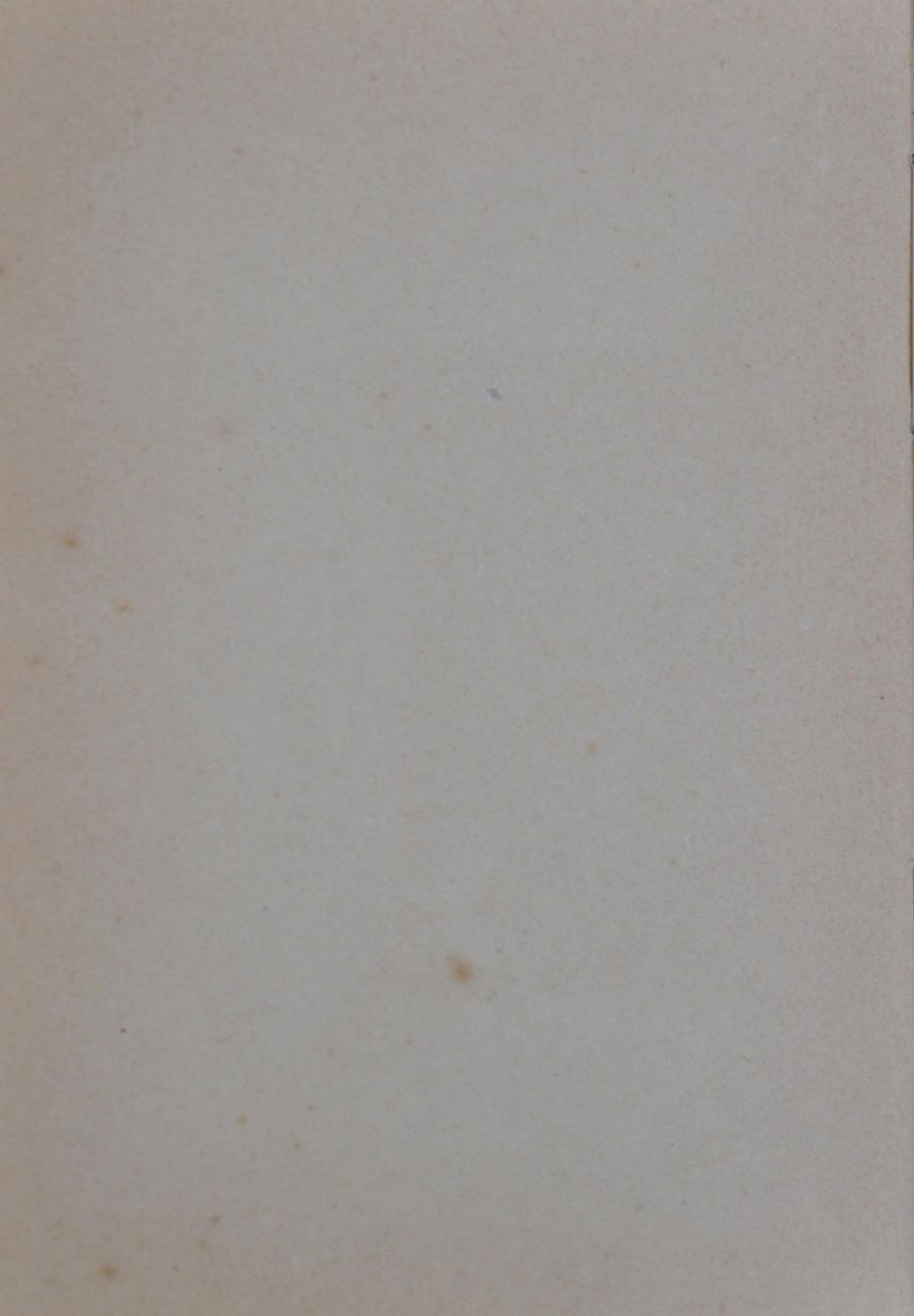
*Muitas outras coisas  
porêm havia ainda...  
as quais, a escreverem-se  
uma por uma, creio que  
nem no mundo todo po-  
deriam caber os livros  
que delas se houvessem  
de escrever.*

San João, Cap. XXI, v. 25.



## ÍNDICE

	Páginas
<i>Introdução</i> . . . . .	7
<i>A Natividade</i> . . . . .	13
<i>Nossa Senhora pequenina</i> . . . . .	26
<i>Á Sombra do Templo</i> . . . . .	39
<i>O Casamento</i> . . . . .	47
<i>A Anunciação</i> . . . . .	57
<i>A Visitação</i> . . . . .	65
<i>O Natal</i> . . . . .	73
<i>No Exílio</i> . . . . .	79
<i>O Menino brincando</i> . . . . .	85
<i>As Bodas de Caná</i> . . . . .	91
<i>Gedeel, de Samaria</i> . . . . .	103
<i>O Calvário</i> . . . . .	111
<i>A Assunção</i> . . . . .	119

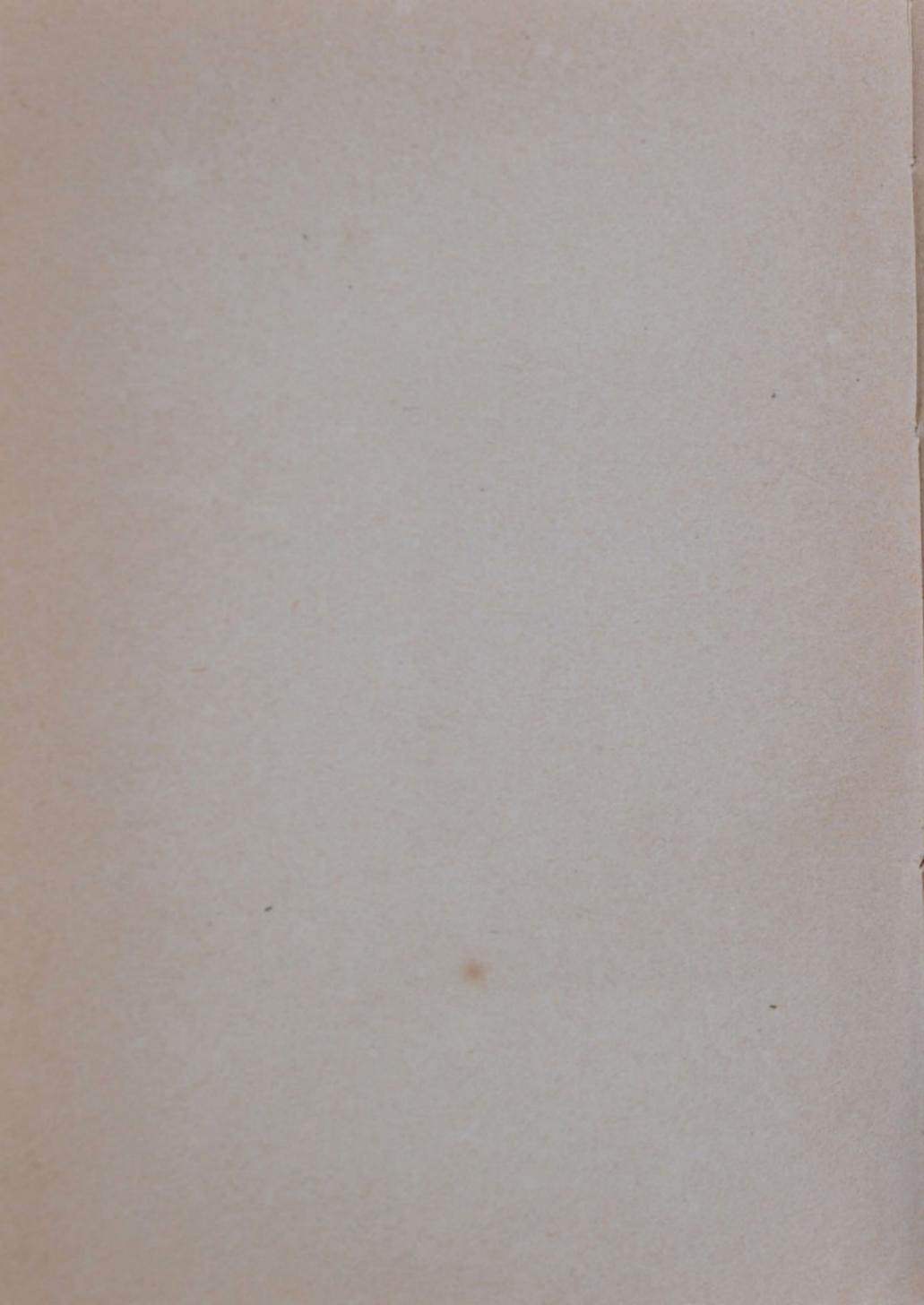


DO AUTOR

EM PREPARAÇÃO:

# Dilecta da luz e do mar

*(Tentativa de um poema á nossa terra  
e á nossa gente)*



==== LISBOA —

: : Tip. de H. Pereira

Rua Paiva d'Andrad

==== (CHIADO) —

